

Variantes Lingüísticas: presença e ausência de concordância de gênero no falar da comunidade Mato-grossense

Jocineide Macedo Karim
UNEMAT/CÁCERES

Resumo: Este trabalho, intitulado *variantes lingüísticas: presença e ausência de concordância de gênero no falar da comunidade mato-grossense*, objetiva analisar a frequência do uso do fenômeno lingüístico *de concordância de gênero* na fala da comunidade de Cáceres-MT. Nesse espaço, tentamos explicar esta variação, com a base teórica da Sociolingüística Variacionista. A partir desse método, foi possível perceber que a variação de concordância de gênero é um fato comum na fala da comunidade e se correlaciona, de maneira significativa, a fatores extralingüísticos, em especial, a idade e a escolaridade.

Palavras Chave: Sociolingüística, variação lingüística, português falado.

Abstract: This work, entitled *linguistic variants: presence and absence of gender congruence in the speech of the community of Mato Grosso*, it aims to analyse the frequency of use of the linguistic phenomenon of gender congruence in the speech of the community of Cáceres-MT. In this space, we attempted to explain this variation, according to the theory basis of Variacionist Sociolinguistic. From this method, it was possible to perceive that the variation of gender congruence is a common fact in the speech of the community and it significantly correlates to the extra linguistic factors, specially age and education.

Key Words: Sociolinguistic, linguistic variation, spoken Portuguese

O presente trabalho é resultado da pesquisa intitulada *A variação na concordância de gênero nas comunidades mato-grossenses*¹, e tem como objetivo compreender e verificar o uso da variação da expressão de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT.

Nesse espaço, buscamos compreender um fenômeno lingüístico específico desta região, a variação na concordância nominal de gênero uma variedade específica do

jocineidekarim@yahoo.com.br

¹ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso – FAPEMAT a partir de 2008.

português brasileiro. Em uma avaliação preliminar, observamos que a ausência de concordância de gênero se manifesta em três situações distintas:

1. Pela indiferença ao gênero no uso de artigos com predominância do uso do masculino, substituindo ou antecedendo palavras femininas:

“saíram pra vir **no** Santa”, (Santa é o nome da fazenda),
“Mora **num** casa desses”.

2. A não-marcação do feminino nos adjetivos, os quais podem ser usados no gênero masculino aplicados a seres femininos:

“a gente brincava muito principalmente quando tava lua claro”,
“a infância era maravilhoso”.

3. O emprego de pronomes masculinos para se referir a seres femininos:

“assim aqui em casa **eu** tiro roupa de Vaninho, tiro **meu**”.

Diante do quadro apresentado, a pergunta que norteou o nosso trabalho foi: qual a frequência da variação na concordância de gênero no falar cacerense? Para responder essa indagação, realizamos um estudo do fenômeno na fala dos informantes nascidos na cidade de Cáceres, utilizando como *corpus* a gravação de narrativa das experiências vividas pelos informantes. Tal análise foi feita sob o enfoque da Sociolinguística Variacionista.

Observando o comportamento lingüístico dos falantes da comunidade cacerense em relação às ocorrências das formas variantes da língua e principalmente das variantes *presença e ausência de concordância de gênero*, relacionamos essas formas variantes a fatores lingüísticos (*presença /ausência de concordância nos sintagmas nominal e verbal*) e extralingüísticos (sexo, idade e escolaridade), a fim de verificar a possível influência exercida por esses fatores em estudo na variação de concordância nominal.

Para a definição das dimensões da amostra básica desta investigação, seguimos os seguintes critérios:

- a) que os informantes e seus pais tivessem nascido na cidade de Cáceres;
- b) que pertencessem às faixas etárias de 20 a 30 anos; de 31 a 50 e de mais de 51 anos; com o grau de escolaridade em nível de 1º, 2º e 3º graus.

Essa amostra compõe-se de 36 entrevistas realizadas com informantes da comunidade, feitas de acordo com as técnicas da pesquisa sociolinguística, e foram

transcritas, digitalizadas e selecionados os dados, contendo o fenômeno em estudo. Após esse trabalho, codificamos os dados que foram rodados por meio do Programa VARBRUL. Os resultados da análise estatística indicam algumas composições em que ocorre a variação.

Para garantir a fidelidade dos dados, as entrevistas foram cuidadosamente transcritas, de acordo com o padrão de transcrição sugerido por Marcuschi (1986) e Cintra (1992). O levantamento das ocorrências do tópico analisado foi feito diretamente nos textos orais e também após a digitação dos textos das entrevistas.

A variável dependente analisada é constituída pela atuação ou não do mecanismo de concordância de gênero no sintagma nominal e verbal somente em palavras femininas. A partir da observação do uso na comunidade, selecionamos as variantes lingüísticas *presença e ausência de concordância*, essa última subdividida em *ausência total e parcial*.

Os casos em que todos os constituintes do sintagma nominal estão marcados para feminino, concordando com o núcleo do sintagma, foram classificados como *presença de concordância de gênero*, tal como ilustram os exemplos abaixo.

(1) “a vida inteira” (n.20).

(2) “ela era piquinininha” (n.16).

No exemplo (1) acima, o falante aplicou plenamente o mecanismo de concordância de gênero no interior do sintagma nominal. Já no exemplo (2), o nível estrutural em que se dá a concordância é o sintagma verbal. No caso de supressão de concordância de gênero como já mencionado, temos duas possibilidades: *ausência total de concordância de gênero* ou *ausência parcial de concordância de gênero*. Exemplificamos essa ocorrência com trechos selecionados das falas dos informantes:

(3) “Aí levantei cedo cum barrigão ... menina sentei, menina ... eu achava que ia ter ela ainda nê, ela num tinha nem camisinha ainda, aí rebentô a bolsa, eu sentada no vaso. Eh! Mais gritei e levantei rápido de onde eu estava **sentado**, ela ia caí dentro do buraco, lá....” (n.14).

(4) “a gente gostava muito, tempo de moça, né, jovem, baile, festa, Santo Antônio, São João, São Pedro, né! **Esses festas** assim aniversário, Mas tinha aniversário que mamãe deixava i, mas tinha alguma coisa, alguma festinha que podia chora bastante... Nas... (risos) não deixava” (n.13)

No exemplo (3), temos um caso de *ausência total de concordância de gênero no* nível do sintagma verbal. O constituinte que funciona como predicativo não recebeu a marcação de gênero para concordar com o sujeito do sintagma.

Conforme o exemplo (4) ocorre também um caso de *ausência total de concordância*, porém, no nível do sintagma nominal, o determinante não recebeu a marca de gênero para concordar com o núcleo do sintagma.

Já nos exemplos (5) e (6) abaixo, temos casos de *ausência parcial no sintagma nominal e no sintagma verbal*, respectivamente. A informante (n. 11) tem 32 anos e a (n.6) tem 30, ambas com nível superior de escolaridade.

(5) “E eu via que nessa época os professores era bastante rígidos! Eu lembro que no meu di,di, di, no meu primeiro ano até o quarto ano, de primeira série até **o quarta série** os professores eram bastante rígidos era aqueles professores que tratavam” (n.11).

(6) “alembro da missa das oito horas (risos) a missa das oito horas era **sagrado**” (n.10).

O último caso observado nos dados (ilustrados em 7) é o de *ausência interfrasal*. Nesse caso a ausência de concordância se estabeleceu na ligação anafórica, que vai além do limite da oração ou sentença.

(7) “não... as vez num durmia as vez as vez cê ia num vizinha descansava um pouquinho, chegava e o pau cumia de novo (risos), hoje cabo, hoje num pode num pode mai faze uma coisa dessa, mai de jeito nenhum! Quandu ocê assusta é **aquela gurizada** a tar da **gangue** ta fazendo de besta ai na cidade, né! E acabo mermo co

quarque brincadeira que a gente tem. **ele** chega e acaba mermô” (n.29).

As distinções consideradas nos grupos de fatores de natureza lingüística podem ser visualizadas, de modo resumido, na tabela abaixo.

Tabela 1: Nível de Análise:

Nível de Análise	Variantes	
Sintagma Nominal	Presença de concordância	
	Ausência de Concordância	Total
		Parcial
		Interfrasal
Sintagma Verbal	Presença de concordância	
	Ausência de Concordância	Total
		Parcial
		Interfrasal

Apresentamos, através do gráfico 1, os resultados das análises estatísticas da variação de concordância de gênero no sintagma nominal e verbal segundo o cruzamento das variáveis idade e escolaridade do informante, rodadas por meio do Programa VARBRUL. No conjunto da amostra analisada, foram depreendidas 1.059 ocorrências de sintagmas nominais femininos e 115 casos em que a relação de concordância se estabelece no nível do sintagma verbal em palavras femininas.

A variação segundo o cruzamento das variáveis idade e escolaridade do informante

Gráfico 1: Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação às variáveis idade e escolaridade.

NÍVEL DE ANÁLISE - IDADE / ESCOLARIDADE

SINTAGMA NOMINAL

SINTAGMA VERBAL

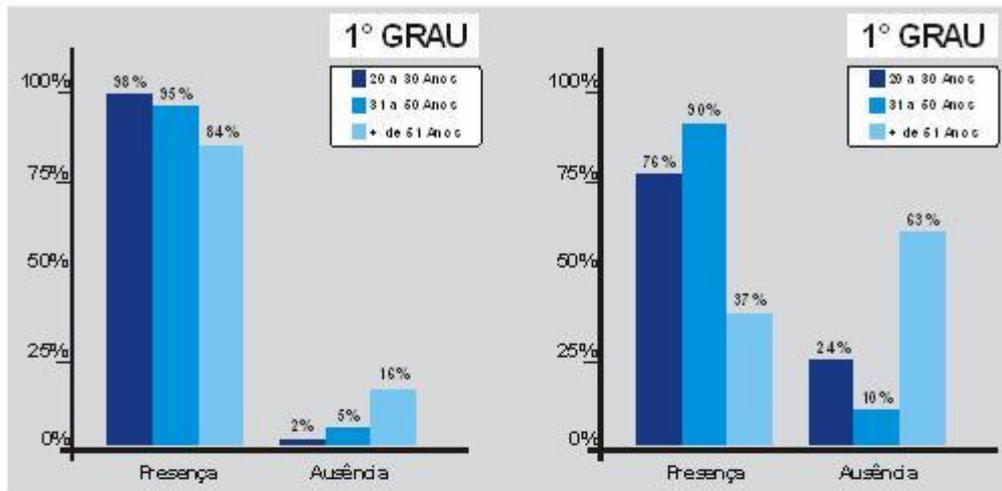


Fig. 01

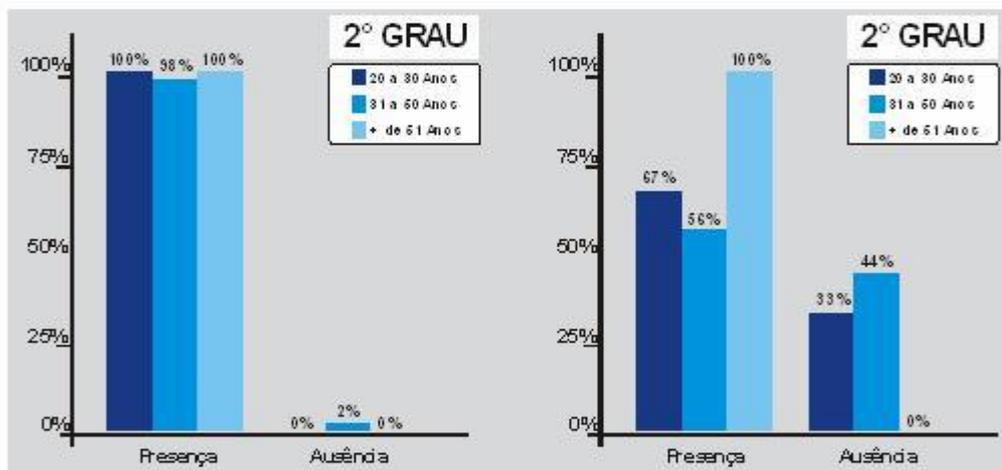


Fig. 02

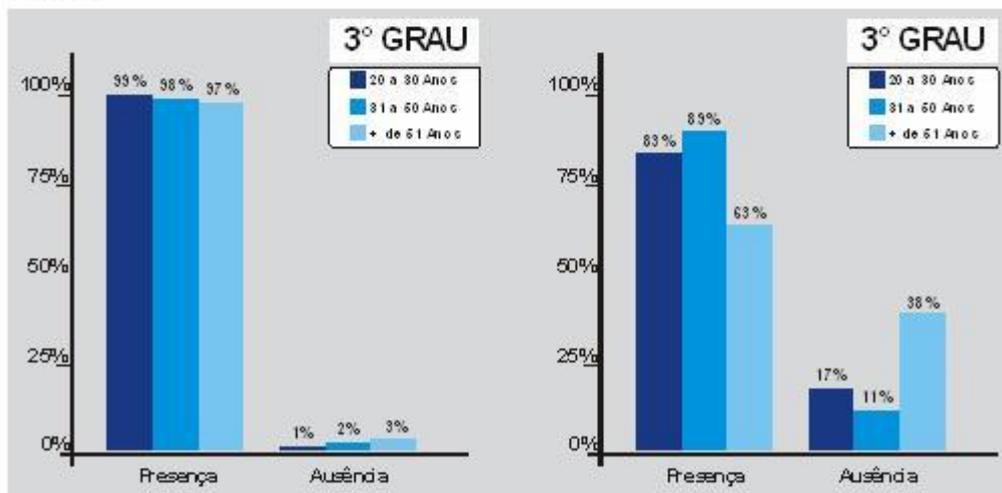


Fig. 03

Para interpretar os índices desse gráfico, refletiremos sobre as formas padrão e não padrão da língua. A primeira é considerada pela sociedade a forma de prestígio e a segunda é desprestigiada e tende a despertar um sentimento negativo na comunidade, sendo geralmente, motivo de crítica por parte dos usuários da variante padrão.

Na mesma direção, os gramáticos e os autores de livros didáticos tratam a norma não-padrão como vício de linguagem e a desprezam como algo que deve ser abandonada da fala. Dessa forma, a maioria das pessoas estigmatiza a variante regional e trabalha no sentido de suprimi-la da fala.

Os resultados do cruzamento entre as variáveis *idade e escolaridade* indicam uma atuação significativa da escola no sentido de uniformizar a fala conforme as regras da língua padrão, mas essa ação não se dá de um modo uniforme no nível do SN e SV.

Quando comparamos os índices gerais de variação de concordância de gênero no âmbito do SN e os resultados obtidos no cruzamento 'idade/escolaridade', percebemos que a distribuição das variantes não se distancia muito dos resultados gerais (96% de *presença de concordância* e 4% de *ausência de concordância*). Apenas entre os informantes com escolaridade de 1º grau, vamos encontrar diferenças na fala do grupo etário mais velho. Esses informantes são responsáveis pelo percentual mais alto de uso da variante não-padrão (16%), o que mostra uma interferência entre a escolarização e a 'idade'. Aparentemente, os falantes mais velhos, com escolaridade mais baixa, são mais resistentes à atuação da escola no sentido de impor as formas de prestígio e estimular o abandono das formas estigmatizadas.

Já entre os informantes de 2º e 3º graus, os índices apresentados na atuação da variante *presença de concordância* no SN demonstram que essa variante está implementada na sua fala. Desse modo, fica claro que a diferença observada entre 1º grau de um lado e 2º e 3º graus de outro, deve-se aos dados dos falantes de mais de 50 anos, que conservam em sua fala a variante não-padrão.

No que se refere à variação no nível do SV, observamos diferenças marcantes entre as faixas etárias e entre os graus de escolaridade. Entre os informantes com o 1º grau, os resultados mostram índice de aplicação de regra de concordância que vão de 37% a 90%. Chama a atenção o percentual de uso da variante não-padrão (ausência de concordância) entre os informantes mais velhos - 63%, o que vem confirmar a associação já observada nos dados de SN.

Os dados obtidos dos informantes com o 2º grau, aparentemente, não seguem a mesma tendência: a primeira faixa etária atingiu 67% da variante *presença de concordância*, a segunda faixa etária atingiu 56% dessa variante, ambas diferenciando-se, da atuação da terceira faixa etária, que foi de 100% de aplicação da regra de concordância. Assim, ao contrário da tendência antes observada, aqui o grupo mais velho foi o que mais ‘concordou’. No entanto, é preciso levar em conta que os dados de SV encontrados nas entrevistas desses informantes somam um volume pequeno: são apenas 3 ocorrências para o grupo de 20 a 30 anos, 10 dados para os de 31 a 50 anos e somente 5 casos para o grupo de mais de 50 anos.

Já os resultados dos falantes com o 3º grau se aproximam do padrão verificado para os informantes do 1º grau, mas, de um modo geral, com índices mais altos de concordância nas diversas faixas etárias, o que comprova a força da escolaridade para a consolidação da forma padrão. É significativo que os informantes mais velhos com escolaridade de 1º grau usem a variante não-padrão em 63% dos dados, enquanto os falantes da mesma faixa etária, mas com o 3º grau, façam uso dessa variante em 38% dos dados colhidos.

Na pesquisa realizada por Palma (1984), na cidade de Cuiabá, sobre a variação fonológica na fala de Mato Grosso, o fator extralingüístico nível de escolaridade mostrou-se decisivo na implementação da forma padrão na fala dos cuiabanos:

Elementos cuiabanos, com um mais Alto Nível de Escolaridade, apresentam maior tendência a emitir formas com segmentos fricativos, formas de prestígio. O papel do Ensino Formal apresentou-se, portanto, muito influente, decisivo, como já se poderia supor, previamente. Sendo à emissão das africadas motivo de repúdio não só de elementos da própria comunidade, mas também dos que lá se estabelecem, é natural que a divulgação de formas com segmentos de prestígio aja em detrimento das estigmatizadas. (PALMA, 1984, p. 81).

Tanto em nossa pesquisa como na de Palma, a faixa etária jovem de 20 a 30 anos apresentou um comportamento mais regular que na faixa etária dos mais velhos:

Constatamos, aqui, que a influência do Ensino Formal vem sendo decisiva, no sentido de prescrever a adoção das formas de prestígio. Tanto a faixa etária 1 quanto a 2 recebem influências semelhantes, conseqüentemente apresentam uma tendência também semelhante no tocante à probabilidade de aplicação da regra. Quanto mais alto o Nível de Escolaridade, mais alta a probabilidade de aplicação da

referida regra e vice-versa; quer na faixa etária 1, quer na 2. (PALMA, 1984, p. 98).

No trabalho de Palma encontramos uma outra possibilidade de interpretação para o contraste observado entre o 2º e o 3º graus, no que diz respeito à *ausência de concordância* entre os falantes mais velhos. Aparentemente na fala dos informantes da terceira faixa etária, no nível universitário, ocorreu um crescimento de 38% do emprego de *ausência de concordância* em relação ao que ocorre no nível secundário. Palma explicou um resultado semelhante em seus dados, dizendo que *elementos cuiabanos após atingirem o status buscado (no caso da graduação) apresentam um comportamento mais “relaxado”, em termos de cumprimento das normas sociais*. Acreditamos que além desse “relaxamento” os informantes com + de 51 anos no terceiro grau de escolaridade já têm uma certa estabilidade profissional e financeira e sentem-se mais à vontade no uso da variante regional. Não podemos, além disso, descartar a existência de outras razões que ainda não conseguimos detectar.

Com base nos resultados desse cruzamento de variáveis, acreditamos, como Palma, que a influência dos fatores *idade* e *escolaridade* foi tão determinante, o que nos leva a inferir que o tempo e a incisiva atuação dos estabelecimentos de ensino contribuirão para a substituição total da variante regional pela variante padrão da oralidade cacerense.

Os instrumentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística foram decisivos para que pudéssemos mostrar a freqüência da variação e identificar os condicionadores mais decisivos na aplicação da regra, que foram os sociais.

Desse modo, é possível uma caracterização dos contextos em que ocorre a variação na concordância de gênero. O emprego da concordância, segundo a norma padrão, está, principalmente, circunscrito ao nível do SN, em que encontramos um alto índice de presença de concordância. Observa-se, por outro lado, que o cacerense utiliza a regra de concordância no SV com uma freqüência bem menor que no SN; e dessa forma, a regra não-padrão – *ausência de concordância*, na relação entre o predicativo e o sujeito da oração, é muito mais utilizada, atingindo 30 % de aplicação da regra.

Ressalte-se que a variante *ausência parcial de concordância* não apresentou uma diferença significativa em relação aos casos de *ausência total de concordância*,

razão pela qual as ocorrências dessas duas variantes foram amalgamadas na discussão dos demais grupos de fatores.

Sobre o fator condicionador sexo, constatamos que não há diferenças significativas entre homens e mulheres quanto à variação de concordância de gênero no nível do SN. Os índices apresentados na variante *presença de concordância* podem refletir uma aparente tendência à homogeneidade dos padrões de comportamento lingüístico da comunidade cacerense, nesse contexto.

Apesar de apresentarem o mesmo número de ocorrências na variante *ausência de concordância* no SV, o índice na fala dos homens é mais alto. Ou seja, eles é que mantêm viva a variante não-padrão. O que se percebe nesse contraste é que os homens usam mais a variante não-padrão que as mulheres, o que nos leva a dizer que as mulheres estariam mais afetadas pela pressão normativa que os homens, e portanto, estariam mais orientadas na direção do modelo de prestígio.

Com relação ao fator condicionador *grau de escolaridade*, notamos que o alto índice de aplicação da regra de concordância demonstra que o falar cacerense está em processo de mudança devido a vários fatores, principalmente a escola que trabalha no sentido de uniformizar a fala de acordo com as regras da língua escrita. É preciso assinalar, porém, que o resultado obtido pelo fator condicionador grau de escolaridade vai no sentido esperado, ou seja, o que se verifica é que os falantes com grau de escolaridade mais alto aplicam mais a concordância que aqueles que possuem apenas o 1º.grau.

Quanto ao fator idade, a influência foi relevante e decisiva para que pudéssemos detectar e caracterizar as variações. A análise dos resultados obtidos, sob essa influência, ofereceu-nos meios de verificar a forte tendência de os informantes da faixa etária mais velha utilizarem a forma não-padrão. Com isso, observa-se um contraste bem marcado entre as duas faixas mais jovens e a terceira faixa dos mais velhos. Enquanto os primeiros se mantêm relativamente próximos aos índices gerais, os falantes mais velhos se distanciam significativamente daqueles resultados, revelando uma fala marcada fortemente pela variante *ausência de concordância*.

Esses resultados indicam, aparentemente que está ocorrendo um processo de mudança lingüística, na medida em que a variante não-padrão resiste principalmente à fala dos mais idosos. Essa tendência pode estar sendo condicionada por vários fatores, dentre os quais podemos citar: o fluxo de movimentos migratórios, a expansão dos

meios de comunicação de massa, a abertura da rodovia federal BR 070, a atuação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Acreditamos, porém, que esse resultado poderá ser explicado pelo fato de que os falantes mais jovens estão mais expostos ao mercado profissional e, portanto, sofrem maior pressão normativa. É preciso considerar que uma grande parcela do mercado de trabalho dessa comunidade é mantida por imigrantes das diversas regiões do país. Essas pessoas estranham não só o modo de falar da região como os costumes e as tradições, estigmatizam a comunidade e acabam por desprestigiar a sua fala e forçar a mudança lingüística. Portanto, os nativos tendem a perder os traços característicos da região, igualando-se a outras comunidades.

Com base nos resultados apresentados nesta pesquisa, acreditamos que a influência dos fatores *idade e escolaridade* foi determinante e nos levou a inferir que, com essa incisiva atuação dos estabelecimentos de ensino, em um curto espaço de tempo assistiremos à substituição total da variante regional pela variante padrão na fala da comunidade cacerense.

Portanto, esses resultados mostram claramente que a comunidade cacerense está substituindo sua fala até nos momentos de interação na comunidade, o que nos leva a refletir: estaria essa aparente mudança na comunidade circunscrita somente à fala? Ou atinge também os costumes e as tradições da comunidade? Essas reflexões partem do conhecimento que temos sobre a comunidade. Sabemos, ainda, que não há um sentimento de reação como o observado por Labov na comunidade de Martha's Vineyard, em 1963 (Labov, 1972). O que existe é uma aceitação de outros padrões impostos pelos imigrantes. Esses novos padrões, além de uniformizarem a fala da população por meio de métodos educacionais e outros que envolvem a pressão normativa, criam um sentimento estranho, em relação ao falar local: desse modo, os nativos mais jovens deixam de usar a fala regional e acabam por substituir o falar, deixando de lado a cultura de seus ancestrais.

Os resultados obtidos nesta pesquisa mostram como os fatores socioeconômicos e culturais criam as condições para o início de um nivelamento lingüístico, que tende a eliminar a marca característica da região, em função do padrão de realização da regra de concordância de gênero. Portanto, os padrões lingüísticos não podem ser compreendidos apenas em termos de suas relações internas, mas devem ser considerados como parte de um contexto sócio-cultural mais amplo.

Bibliografia

CINTRA, G. **Transcrição da fala corrente: teoria e observação**. Estudos lingüísticos XXI – Anais de Seminários do GEL. Jaú: Fundação Educacional “Raul Bauab”, 1992. Vol. I: pp. 614-620.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

LABOV, William. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

MACEDO KARIM, Jocineide. **A variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, – Araraquara-Sp, 2004-03.05.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

PALMA, M. L. C. **Variação Fonológica na Fala de Mato Grosso: Um Estudo Sociolingüístico**. Cuiabá: UFMT, Imprensa Universitária, 1984.